

Perutti, Daniela (2022). *Tecer amizade, habitar o deserto: território e política no Quilombo Família Magalhães*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Daiane da Fonseca Pereira
Doutoranda em Educação/Universidade Federal de São Carlos
<https://orcid.org/0000-0003-1934-6194>
dfpereira04@gmail.com

Em *Tecer amizade, habitar o deserto: território e política no Quilombo Família Magalhães*, Daniela Perutti nos apresenta os resultados da etnografia do território Quilombola Família Magalhães, também chamado por “povo do Lavado”, em que discute como as pessoas desse lugar produzem articulações de diferentes formas e níveis com governo federal e prefeitura. A partir destes três lugares, sob a perspectiva do “povo da Lavado”, o livro destaca como as conexões que estes lugares estabelecem entre si se atualizam uns com os outros e como as pessoas colocam essas articulações em movimento, dando ênfase às nuances das relações de território, identidade e resistência política.

Logo na introdução, a autora situa histórico-geograficamente o Quilombo Família Magalhães que surge da ocupação da Fazenda Lavado por esta família em 1956, oriundos do povo Kalunga, maior quilombo do Brasil, situado no nordeste goiano. Além disso, é apresentado um breve histórico sobre a legislação e normatização acerca dos povos remanescentes de quilombo, desde o reconhecimento de sua existência no artigo 68 da *Constituição Federal* de 1988 aos decretos posteriores – decreto n. 4887/2003 que regulamenta o que está posto na *Constituição*, com destaque para o processo de ressignificação do termo quilombo que passou a simbolizar a resistência negra que não pode ser localizada apenas em um passado escravocrata.

A análise é orientada pelo alargamento proposto pela pesquisadora para as percepções de territórios que faz convergir para uma relação com o Estado, que também é entendido como territórios desmembrados em prefeituras, governos estaduais e federal. Mas o território também supera a unidade de espaço físico passível de fixação e delimitação, revelando sua dimensão processual, fluida no tempo, sendo produzido continuamente a partir de práticas específicas.

A obra está estruturada em cinco capítulos que apresentam um entendimento profundo sobre a história, os desafios e as estratégias de resistência e sobrevivência do Quilombo Família Magalhães. No capítulo 01, *Ser Kalunga, ver o Kalunga*, temos uma contextualização histórica, traçando a formação do quilombo e sua relevância para a memória coletiva e identidade afro-brasileira. A região norte e nordeste de Goiás foi destino de escravizados fugidos do Maranhão, Bahia e Pernambuco por ser uma região distante do litoral e por possibilitar a exploração de garimpos (Karasch, 1996, *apud* Perutti, 2022), originando os territórios Kalunga.

A origem do Lavado é posta enquanto lugar de existência e produto de relações de amizade e trabalho na terra. Na atualidade é também expressão espacializada de divisões na família Magalhães. Ao se definir como amigueiros, os Magalhães se percebem como distintos dos seus ancestrais kalungas, pois se consideram mais calmos. Deste modo, eles constituem uma identidade em oposição aos kalungas que se funda nas maneiras distintas pelas quais estão predispostos a produzir relações, resultando de um desvio e não de uma mistura de sangue, se autodefinindo como de temperamento diverso - mais aberto ao outro, menos agitados e menos sistemáticos - do que seus parentes que vivem no Kalunga. Assim, as andanças de Sebastiana e João Magalhães produziram um lugar de desvio onde sua família tornou-se um grupo que, “a um só tempo, é e não é kalungueiro” (Perutti, 2022, p. 91).

Na sequência do livro, a autora explora a relação dos quilombolas do Magalhães com o território, destacando a terra não apenas como um espaço físico, mas como um elemento vital para a construção de vínculos afetivos e sociais. O mote para o capítulo dois são tanto as relações que fazem o lugar existir enquanto tal como dos movimentos dessas pessoas a partir desse lugar, que trazem maneiras específicas de coexistência entre conflitos e alianças. Assim, relações de amizade, vizinhança e compadrio, acordos de trabalho, dentre outras, compõem a narrativa segundo a qual “é a partir de relações de intensidade e tessituras muito diversas que o Lavado ganha existência e é continuamente produzido”. (Perutti, 2022, p. 95). A amizade, mencionada no título, é vista como um tecido social que sustenta a luta e a sobrevivência do quilombo.

São essas relações que dão visibilidade aos conflitos e tensões internos que divide os Magalhães entre os “de cima” e os “de baixo”, definindo “lados”, o que designa uma configuração espacial do Lavado e ao mesmo tempo alianças políticas sempre elaboradas de modo binário. Essa perspectiva é crucial para entender a luta pela posse da terra, que não se limita à esfera jurídica, mas se estende ao campo simbólico e cultural.

É, portanto, em meio a relações que movimentam e tornam visíveis composições heterogêneas entre mães, doutores, irmãos, documentos, vizinhos, Incra, amigos, casas, governo do estado, FCP e que esse espaço cindido vai criando permanências, “monturo”, persistindo enquanto referência para os Magalhães. (Perutti, 2022, p. 134).

A política também é central na composição do livro, uma vez que aborda temas como a resistência política, a construção de identidades e a importância das redes de solidariedade no fortalecimento da comunidade de Nova Roma, município que é percebido como espaço de falta, de não movimento, de deserto, sem gente, invisível. A metáfora do deserto presente no título sugere os desafios áridos enfrentados pelos quilombolas, mas também a resiliência e a capacidade de adaptação da comunidade que ver brotar no deserto o “tempo da política” e o “tempo de festa” que atribuem movimento à cidade apesar de seus caracteres cíclicos. A estes tempos, soma-se o “tempo de garimpo”, que é sem retorno, com começo, meio e fim bem definidos e por isso, marcados pela nostalgia do movimento.

O “tempo da política” é em especial destacado, pois essa é uma categoria que mobiliza conversas e paixões. A forma como é compreendida sustenta a prefeitura em Nova Roma e a sua prática que faz a prefeitura funcionar. No município a expressão fazer política é experimentada pelos eleitores como se fossem torcedores. Por isso, a dicotomização da política partidária se reflete nas divisões internas do Lavado que opõe os Magalhães “de cima” aos Magalhães “de baixo”.

Baseada na ajuda, podemos observar as práticas políticas produtoras de prefeitura. O pedir e o ajudar acabam por deslocar o território da prefeitura para lugares outros que não o prédio sede da instituição. Além disso, no “tempo da política” o voto é uma expressão de uma adesão, de uma definição de “lado”, um local de pertencimento. Assim, a política ao mesmo tempo que é limitada ao período eleitoral, também é uma prática cotidiana que faz uma prefeitura funcionar ou alguns lugares funcionarem como prefeitura fazendo circular conversas, pedidos, ajudas e retribuições.

Por fim, é evidente a complexidade das dinâmicas políticas na comunidade quilombola da Fazenda Lavado. A comunidade percebe uma distinção entre as políticas institucionais em nível federal e local. Em nível federal, eles veem as ações como sendo para o benefício de todos - incluindo cestas básicas, benefícios sociais como o bolsa-família e direitos à terra. No entanto, em nível local, eles percebem que os benefícios são distribuídos de forma mais seletiva, favorecendo aqueles que estão no poder. Por isso vemos no capítulo final as opiniões sobre os candidatos à presidência da república destacando a candidata apoiada por Lula (Dilma Rousseff) como comprometida com o combate à pobreza, defendida pelos “de cima”, enquanto veem o voto dos pobres em Aécio Neves, defendido pelos “de baixo”, como incompreensível, pois acreditam que ele representa os interesses dos ricos.

Fica a percepção de como a política é vivida e entendida em nível local, e como as comunidades quilombolas se engajam ativamente no processo político, apesar dos desafios que enfrentam. O livro traz um testemunho do espírito resiliente e da agência política dessas comunidades.

A pesquisa de campo realizada por Perutti é, sem dúvida, um dos pontos altos do livro. A postura de proximidade e respeito com seus interlocutores permite que suas vozes sejam ouvidas de forma autêntica. Essa metodologia participativa enriqueceu a narrativa e confere legitimidade às análises apresentadas. *Tecer amizade, habitar o deserto* é uma leitura indispensável para quem se interessa por estudos quilombolas, antropologia e sociologia rural. O livro oferece uma visão aprofundada e multifacetada das dinâmicas sociais e políticas do Quilombo Família Magalhães, contribuindo significativamente para o entendimento das lutas e resistências das comunidades quilombolas no Brasil. Em uma combinação de rigor acadêmico e sensibilidade etnográfica, proporciona ao leitor uma compreensão ampliada sobre a importância do território e da amizade na construção de identidades e na resistência política.

Recebido em 28 de maio de 2024.

Aceito em 09 de setembro de 2024.